

SE A MEMÓRIA NÃO ME FALHA

Luiz Cláudio Machado de Santana

Eu amo essa cidade que propicia tantos divertimentos e material desumano de primeiríssima. Em nenhum outro lugar do mundo achei tanta insanidade comprovada: homens de aço e colarinho, falsos profetas, leves borboletas com requintes de crueldade, assaltantes, carrascos, terroristas, políticos; fingimentos variados, bajulação, corrupção, violência, desprezo, imundície farta. Ah! Que coisa deliciosa poder saborear as desgraças alheias e usufruir prestígio, sem fazer nenhum esforço.

Há anos tem sido dessa maneira profana. Há anos que me integro na ação contínua de recolher personalidades deformadas. E assim vou vivendo. Ofereço o que há de melhor para a condição humana: o jogo com o próprio homem. Que me julgue certo ou errado quem quiser. Julgar é espontâneo. É o livre-arbítrio de cada um. Se quiserem, que julguem. Eu não sou lá de mexer com ninguém e com a opinião dos outros. Cada um aja como queira. Eu só fico esperando virem a mim os imorais. Estou cansado, mas a ideia de abocanhar as sobras me revigora a cada segundo, a cada minuto, a cada ano, a cada século.

Contento-me com os rebanhos desgarrados, as raspas, as farpas, os restos de meu rival. A força dele está no ir atrás. Eu, não. Não me esforço. Só espero caírem do cavalo. O máximo que faço é dar uma dose de incentivo aos desvios morais: aquela pitadinha de sal que faz a diferença entre o insosso e o sabor. É o empurrão que se dá ao bêbado, descendo ladeira. Estou habituado a isso. Ultimamente até que não posso reclamar. As discórdias vão se multiplicando e a colheita cada vez fica maior. Na maioria das vezes, não há necessidade nem de auxiliar a cria.

Já vivi muitos casos deliciosos: os homens podem nem se lembrar. Já faz tanto tempo, e até os espíritos perdem a memória. Alguns casos a história tratou de guardar: assassinos cruéis e psicóticos, donos do mundo. Quem não lembra pode ler em qualquer biblioteca: quem nunca ouviu falar de Xerxes, Nero, Calígula e Hitler, grandes amigos, excelentes colaboradores pró-labore de minha legião. A vida moderna nos proporciona ótimos exemplos de insensatez e figuras de repulsa e horror, e o que é melhor, muitos deles sob o pretexto vil de representar meu inimigo: belas guerras santas, seitas, disputas pelo poder.

Além deles, há milhões de outros casos, menos famosos, mas nem por isso menos importantes, já que são de pequenas coisas que o inferno anda cheio, pois, como afirma a sabedoria humana: “de grão em grão, a galinha enche o papo”.

Nas cercanias desse palácio, vivenciei muitas artimanhas humanas para se atingir o poder e até mesmo desistir dele. Aqui, presenciei articulações políticas duvidosas e declaração de guerra. Assisti a saraus para ostentação de luxo, alimentei o desespero de um homem até levá-lo ao suicídio.

Lembro-me de um dos casos mais interessantes que já tive orgulho de manipular. Gosto desse caso por três motivos específicos: o primeiro, porque era por essas redondezas, quando o palácio ainda se chamava Nova Friburgo e ainda não se tornara museu, que meus três protagonistas costumavam caminhar, em tardes de grande prazer; o segundo, porque tive uma atuação incomum ao participar da história, vivendo uma bela interpretação, digna de Oscar, se na época houvesse tal prêmio. O terceiro motivo... bem... as diversas idas e vindas ao discurso literário me diriam que é criterioso revelar aos leitores somente no fim de um conto algumas nuances que passam despercebidas durante a narrativa. No meu caso, é mais orgulho e soberba do que qualidade literária.

Então, permitam-me a repetição das ideias e palavras já escritas por outro escritor de superioridade discursiva inquestionável: o caso é que o caso era um verdadeiro triângulo amoroso (ou triângulo odioso talvez): Camilo, Rita e Vilela, o marido traído. Vejamos se não tenho razão em adorar o mundo e os homens:

O cara estava desesperado: traía o amigo de infância com a esposa. Recebeu um bilhete anônimo acusando-o de “imoral e pérfido”. Camilo estremeceu. Pelo dom da onipresença, acompanhei a situação, esperando o desfecho proveitoso, pois senti que ali estava o meu deleite. Camilo não aguentou o peso da descrença: procurou uma cartomante italiana tão recomendada por seu querido amigo, Vilela. Não tive escolha! Confesso que tive um pouco de sorte, pois naquele mesmo dia, a cartomante fora vítima de um ataque cardíaco, botou os bofes e a saliva para fora, faleceu. Travesti-me. Tomei o seu lugar para poder orientar o pobre coitado acerca dos prazeres que uma mulher casada e bonita pode oferecer.

Ele subiu pelo corredor do velho sobrado, não muito longe daqui, a procura da tal cartomante. Antes de atendê-lo, esperei que batesse várias vezes à porta para pressionar-lhe a curiosidade de amante apaixonado. Atendi-o, quando ele já demonstrava um misto de inquietação e raiva pela demora em ser atendido. Fiz o aproveitador entrar. Aproveitei-me de

seu desespero. Jogando verde para colher maduro, anunciei-lhe o trivial: disse-lhe que ele tinha um problema.

Vitimado pela crueldade do amor, o jovem ficou maravilhado com minha descoberta. Abri uma gaveta para ver o que podia ser feito para melhorar minha performance. Achei um velho baralho de tarô sujo de tanto que fora manuseado. Baralhei as cartas, mesmo com o pouco conhecimento de sua serventia. Baralhos com figuras amorosas coloridas e outras horripilantes em tons negros e misteriosos sempre impressionam os incautos.

Ele se encantou. Enganei-o, dizendo que não ia acontecer nada e que só ao lado dele ela se sentia protegida. Estava realmente apaixonado. Comoveu-se.

Falei-lhe que não tivesse medo e que tudo era inveja de um amor grandioso, que o ser humano não é capaz de cultivar um amor assim. Quando isso acontece, há cobiça.

Ele se levantou com outro aspecto, satisfeito por eu lhe ter restituído a confiança. Estava absolutamente entregue às particularidades desenxabidas do sentimento amoroso. Mas que culpa tinha ele de cobiçar a mulher do próximo? Só porque o próximo é um amigo? Como diria o filósofo: até onde és capaz de chegar com tua vã cobiça? O resultado é que essa cobiça de meu cliente apaixonado levou-o a pagar-me cinco vezes mais o preço que normalmente as cartomantes cobravam por serviço de mentiras que se tornavam verdades aos olhos ingênuos dos amantes.

E assim se foi rumo ao destino dos injustos.

O resto foi esperar. Chegou à casa do amigo, alegre por poder compartilhar a felicidade de usufruir a traição sem remorsos. Foi pego de surpresa. Não teve tempo para reclamar os seus direitos de consumidor, da propaganda enganosa que fiz.

Vilela levou-o ao quarto onde Rita jazia morta, ensanguentada. Sem tempo para raciocínios e arrependimentos, Vilela matou o rapaz enamorado ali mesmo, bem em frente ao lindo corpo da esposa infiel.

Esse foi um caso muito legal. Virou conto. E eis, finalmente, o terceiro motivo para amá-lo. É nesse ponto que agradeço ao grande Machado. Ele era mestre em transformar meus clientes em casos extraordinários. Parecia que psicografava tudo que ocorria nas sombras. Traduziu com palavras as vicissitudes humanas. Era fera! Um profeta! Um gênio! É bem verdade que inverteu certos papéis que a mim pertencem, mudou algumas situações, criou fatos, distorceu a realidade. Que fazer? Louvo essa qualidade inerente aos gênios. Mas, cá entre nós, ele teria sido genial sem a ajudinha que dei, fomentando ódios, vinganças,

desconfianças, casos e mais casos de criaturas patéticas? O que ele fez foi transcrever em linguagem literária os cacos das vidas que quebrei, remendar situações que nem sempre podiam ser remendadas.

E faço cacos apenas por satisfação pessoal. Nem quero méritos.

Meu lucro é poder assistir a tudo isso, caminhando inocentemente entre as gentes e as árvores desse pátio do palácio, respirando o ar que chega cansado vindo do mar, mirando o Museu da República, cujas paredes idosas emanam cheiro de passado e guardam boa parte de minhas vivências. Às vezes sobra até tempo para assistir aos senhores e às senhorinhas elegantes que fazem serestas aos sábados à tarde, em uma cantoria alegre relembrando memórias que desaparecerão por conta própria sem lhes cobrar nenhum ônus.

Ando por aqui, sob as diversas cascas humanas que adquiro sob esse sol de imenso respeito em contraste com o azul do céu.